

A DISTINÇÃO ENTRE INFORMAÇÃO E PROCLAMAÇÃO NA PREGAÇÃO: REFLEXÕES SOBRE A PREGAÇÃO QUERIGMÁTICA¹

THE DISTINCTION BETWEEN INFORMATION AND PROCLAMATION IN PREACHING: REFLECTIONS ON KERYGMATIC PREACHING

Matheus Schmidt²

Samuel Fuhrmann³

Resumo: Este artigo visa contribuir para a reflexão homilética da Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB), tendo em vista alguns desafios trazidos pelas contínuas mudanças na cultura de comunicação. Situado na chamada “Pregação Querigmática”, o artigo apresenta uma trajetória de reflexão que resulta na distinção entre “informação” e “proclamação” na pregação. Tendo como ponto de partida a tese 13 de Walther, é destacado que há diferenças entre transmitir informações bíblicas e proclamar Jesus Cristo, entre falar sobre assuntos bíblicos e declarar as promessas de Deus na vida dos ouvintes. A partir dos autores que fazem parte desta trajetória,

1 Trabalho realizado para uma pesquisa independente do programa de Mestrado Livre do Seminário Concórdia.

2 Bacharel em Teologia pela Universidade Luterana do Brasil (2009), Canoas, RS. Especialização em Teologia com habilitação ao Ministério Pastoral pelo Seminário Concórdia (2012), São Leopoldo, RS. Pastor na cidade de São Paulo, SP.

3 Orientador. Bacharel em Teologia pela Universidade Luterana do Brasil (2007), Canoas, RS. Especialização em Teologia com habilitação ao Ministério Pastoral pelo Seminário Concórdia (2010), São Leopoldo, RS. Doutorado no Concordia Seminary, St. Louis, USA (2020).

o artigo mostra que a ênfase e linguagem proclamatórias perderam espaço quando a pregação cristã se voltou primeiramente à transmissão de ensinamentos sobre Deus e assuntos bíblicos. A análise dos autores e a distinção entre informação e proclamação ofereceram lentes para destacar algumas contribuições no campo da homilética já alcançadas por pastores da IELB. Esta investigação é de natureza exploratória. Como procedimento técnico de investigação foi usada a pesquisa bibliográfica. Os resultados deste estudo apontam na direção de aprofundar mais o estudo da Teologia Luterana da Pregação e de valorizar a sua arte, colocando-a a serviço da proclamação. Por fim, o artigo conclui com uma simples introdução e exemplo da chamada “Pregação Querigmática” como proposta de avanço em reflexões futuras.

Palavras-chave: Informação. Proclamação. Pregação Querigmática. Palavra performativa.

Abstract: This article aims to contribute to the homiletical reflection of the Evangelical Lutheran Church of Brazil (IELB), in view of some challenges brought about by the continuous changes in the culture of communication. Situated in the so-called “Kerygmatic Preaching”, the article presents a trajectory of reflection that results in the distinction between “information” and “proclamation” in preaching. Starting with Walther’s thesis 13, it is emphasized that there are differences between transmitting biblical information and proclaiming Jesus Christ, between talking about biblical matters and declaring God’s promises in the lives of listeners. Based on the authors who are part of this trajectory, the article shows that the proclamatory emphasis and language lost ground when the Christian preaching turned primarily to the transmission of teachings about God and biblical subjects. The analysis of the authors and the distinction between information and proclamation offered lenses to highlight some contributions in the field of homiletics already achieved by IELB pastors. This investigation is exploratory in nature. As a technical investigation procedure, bibliographic research was used. The results of this study point in the direction of further deepening the study of Lutheran Theology of Preaching and of valuing its Art, putting it to the service of proclamation. Finally, the article concludes with a simple introduction

and example of the so-called “Kerygmatic Preaching” as a proposal for advancing future reflections.

Keywords: Information. Proclamation. Kerygmatic Preaching. Performative Word.

INTRODUÇÃO

No dia 12 de setembro de 1884, Carl Ferdinand Wilhelm Walther iniciou uma série de preleções para jovens teólogos que se preparavam para exercer o ofício pastoral da pregação. Naquela primeira noite, Walther afirmou: “Eu não quero que vocês fiquem parados em seus púlpitos como estátuas sem vida, mas que falem com confiança e vigor e ofereçam ajuda e auxílio, com alegre coragem, onde quer que seja necessário” (WALTHER, 2005, p.25). A partir dessas preleções surgiu o famoso livro “A correta distinção entre Lei e Evangelho”, no qual Walther destaca a sua preocupação em resgatar a essência da pregação cristã, que é proclamar Cristo, o “poder de Deus e sabedoria de Deus” (1Co 1.25).

Na explicação da Tese 13, contida nesse livro, Walther afirma que “um pregador deve ser capaz de apresentar um sermão voltado à fé sem que, para tanto, empregue a palavra fé” (WALTHER, 2005, p.230). A razão disso é que, para Walther, a palavra fé pode até ser conhecida entre os ouvintes, mas a simples informação sobre ela não oferece consolo aos seus corações automaticamente. Levar apenas a informação aos ouvintes (sobre o que a fé é e como ela surge) e não a proclamação que evoca a confiança em Cristo seria como o pregador subir no púlpito e permanecer como uma “estátua sem vida”. Mas o que então é “informar” e o que é “proclamar”?⁴ Antes de apresentar tal distinção, é preciso perceber a relevância de se refletir sobre a pregação hoje.

É possível dizer que, com o advento da internet e das redes sociais, vivemos numa era em que as pessoas do mundo inteiro estão compartilhando informações sobre diversos assuntos, inclusive sobre Deus e sua

4 A título de introdução apenas, o termo “informação” é usado aqui como uma fala informativa e no tempo passado, enquanto “proclamação” se refere a uma fala performativa no tempo presente. Essa distinção ficará mais clara e será exemplificada conforme o artigo avança.

Palavra. Diante dessa realidade, também muitos pastores, através de cultos virtuais e das mensagens que divulgam e compartilham nas redes sociais, buscam levar a Palavra através desse meio de comunicação. Nesse contexto, a tarefa da igreja é ir além da transmissão de informações e ter uma mensagem com ênfase e linguagem proclamatórias. Por isso se faz necessário que o pregador reflita e fortaleça os fundamentos da essência da pregação luterana.⁵ A distinção entre informação e proclamação, tendo como ponto de partida a Tese 13 de Walther, busca facilitar esse propósito. Nesse sentido, será importante entender como essa distinção foi desenvolvida e como ela é, hoje, aplicada também por outros teólogos luteranos, a fim de revelar uma preocupação com a função do sermão. Como resultado, a compreensão da função do sermão e a linguagem proclamatória que essa distinção exige conduzirá com maior clareza para o que homiletas chamam de “Pregação Querigmática”, que será explicada na última seção deste trabalho.

Por fim, a análise dos autores luteranos feita neste artigo e a distinção apontada acima servirão de lentes para destacar algumas ênfases do que já foi produzido do campo da Teologia da Pregação dentro da IELB, além de fortalecer o diálogo homilético e apontar aspectos nos quais é possível avançar na reflexão.

Ainda é válido destacar que este artigo pressupõe o entendimento luterano da Teologia da Palavra, que está diretamente ligado à Teologia Luterana da Pregação. Esse aspecto é destacado nos *Artigos de Esmalcalde* (IV): “Deus dá o Evangelho mediante a Palavra Falada – Ofício próprio do Evangelho” (LUTERO, 1997, p.332). Com essa ênfase na Palavra Falada como princípio,⁶ se conclui que, quando o pregador fala

5 Este artigo aprofunda a reflexão sobre Teologia da Pregação, mas também tem como propósito mostrar a relação dessa teologia com a arte da pregação. A Teologia Luterana da Pregação enfatiza a função do pregador de proclamar perdão, vida e salvação em Jesus Cristo, ou seja, de corretamente aplicar Lei e Evangelho. A arte da pregação, por outro lado, envolve as teorias da comunicação, linguagem, estrutura do sermão, o estilo do pregador e a relação do pregador com a congregação.

6 A importância da pregação na Teologia luterana da Palavra aparece fortemente em Lutero. Só para exemplificar, usando um texto não tão conhecido em português, certa vez o reformador chamou a igreja de “casa da boca”, em contraposição ao que chamou de “casa da caneta”, a fim de enfatizar a importância da pregação na igreja quando explicava sobre o que é o evangelho na sua essência (LUTHER, 1960, p.123). Na Teologia luterana, a Palavra Falada (pregação, absolvição) e os sacramentos são os meios da graça pelos quais Deus perdoa pecados e cria a fé. Sobre a im-

conforme revelado nas Escrituras, de modo a proclamar Cristo, Deus em contra pecadores com sua Palavra por meio das palavras do pregador.

FUNDAMENTOS DA HOMILÉTICA LUTERANA A PARTIR DA TESE 13: "INFORMAÇÃO" E "PROCLAMAÇÃO"

O livro de Walther referido acima tem servido de fundamento para a homilética luterana. "A correta distinção entre Lei e Evangelho" é um conjunto de preleções de Walther, professor de teologia do Concordia Seminary, St. Louis, proferidas entre os dias 12 de setembro de 1884 e 6 de novembro de 1885, nas reuniões das sextas-feiras à noite denominadas "Momentos com Lutero". Entre outros problemas, Walther precisou lidar com desafios que vieram do racionalismo.

Um autor que ajuda a entender esses desafios e auxilia a traçar a trajetória de reflexão a partir dessas teses é Robert C. Schultz, que em 1961 escreveu um artigo intitulado "From Walther to Caemmerer: A Study in the Development of Homiletics Within the Missouri Synod". Nesse artigo, Schultz descreve alguns pressupostos e influências sofridas na homilética luterana dentro do Sínodo de Missouri no período que vai de Walther até Caemmerer. No período anterior a Walther não havia um método homilético apropriado a fim de fundamentar a ênfase luterana de Lei e Evangelho. Os reformadores, como afirma Schultz, reconheciam a necessidade de uma boa pregação e superavam essa falta de método com uma teologia sólida, mas "no momento em que a vitalidade da teologia se perdeu, contudo, a forma e o conteúdo dos sermões começaram a ser moldados no método dos princípios clássicos da retórica" (SCHULTZ, 1961, p.7).

Para Schulz, essa mudança resultou em uma lenta, mas constante perda da ênfase dos reformadores em Lei e Evangelho. Nas palavras do autor: "Os homiletas estavam mais preocupados com a forma exterior do que com o conteúdo. A perda da distinção entre Lei e Evangelho na reve-

portância da Palavra Falada na teologia de Lutero, cf. o artigo de Lotz (LOTZ, 1983, p.344-354). Gene Veith também oferece uma explicação integrada, embora simples, sobre a Teologia luterana da Palavra. Ele mostra a relação entre a Palavra encarnada, a Palavra Falada e a Palavra escrita (Escritura) (VEITH, 2014, p.36-42).

lação da doutrina da Igreja foi acompanhado pela perda da Lei e Evangelho na proclamação da Igreja” (SCHLTZ, 1961, p.7). Em outras palavras, Schultz argumenta que as formas de retórica clássica, apropriadas e moldadas pela mente moderna racionalista, acabaram ocultando uma parte fundamental da Teologia da Palavra, a proclamação de Lei e Evangelho. Por essa razão, Walther era contrário a sermões racionalistas que meramente traziam informações sobre Deus, sobre o ser humano e a realidade das coisas; faltava uma pregação dirigida ao ser humano pecador diretamente, que aplicasse a ira e a graça de Deus na vida do ouvinte. Esse breve contexto, com ênfase ao racionalismo do período anterior a Walther, nos ajuda a entender um pouco melhor a Tese 13 desenvolvida por ele.

A clara distinção entre informação e proclamação dentro do sermão foi desenvolvida posteriormente, conforme será demonstrado neste artigo. Porém, já na Tese 13, é possível perceber o que Schultz aponta como sendo uma preocupação de Walther.

Em nono lugar, a Palavra de Deus não é aplicada corretamente quando, em vez de procurar criar a fé no coração de alguém, apresentando as promessas do Evangelho, se faz um apelo à fé que dá a entender que o ser humano pode dar a fé a si mesmo, ou, ao menos, cooperar para que tal aconteça (WALTHER, 2005, p.230).

O problema principal endereçado pela tese é a ideia de que o ser humano pode criar a fé, como se ela fosse uma obra humana. Contudo, essa tese também fala ao problema de tornar o sermão uma mera transmissão de informação sobre a fé. Por exemplo, Walther, ao explicar a tese, diz o seguinte: “um pregador deve ser capaz de apresentar um sermão voltado à fé sem que, para tanto, empregue a palavra fé” (WALTHER, 2005, p.230). Implicitamente, é possível notar o pressuposto de que a linguagem usada no sermão é de grande importância e que, facilmente, ela pode não representar a Teologia luterana da Palavra. Explicitamente, Walther está dizendo que pregar sobre a fé não significa meramente falar sobre o conceito de fé, trazendo informações ou textos bíblicos que abordem o assunto de forma lógica. Para o teólogo, é possível um pregador falar por horas sobre a fé, repetindo várias vezes a expressão “Somos justificados pela fé”, “Somente pela fé somos salvos”, e, no final, os seus

ouvintes exclamarem: “Oh! Quem me dera ter essa fé! A fé deve ser algo muito difícil de conseguir, pois eu ainda não obtive” (WALTHER, 2005, p.231). Ou seja, mesmo que o pregador tenha explicado o conceito de fé e o tornado familiar aos ouvintes, tal explanação não necessariamente leva consolo aos que ouvem a mensagem. Isso significa que a simples informação sobre um determinado conteúdo bíblico não atinge a função essencial da pregação, isto é, de entregar as promessas do evangelho para que os ouvintes se apeguem a tais promessas, em confiança, pelo poder do Espírito.

Em contrapartida, além de identificar o problema, Walther busca reforçar que o pregador ofereça a “mensagem de tal modo que, em cada pobre pecador nasça o desejo de depositar a carga dos seus pecados diante do Senhor Jesus, dizendo: ‘Tu és meu, e eu sou teu’” (WALTHER, 2005, p.230). Em outro momento também diz: “essa é a grande coisa que vocês precisam procurar aprender – fazer com que seus ouvintes concluam que, sendo verdade o que vocês estão pregando, eles são pessoas abençoadas” (WALTHER, 2005, p.230). O leitor precisa perceber que Walther não está abrindo a possibilidade de os ouvintes do sermão aceitarem o evangelho, de decidirem se desejam ter a fé salvadora ou de contribuir, por meio de boas obras, para a salvação. Pelo contrário, Walther fala aos seus alunos para que preguem de modo que os ouvintes percebam que eles, no tempo presente, “são pessoas abençoadas”. Desse modo, já apresenta de forma clara as bases daquilo que serviria para a distinção entre informação e proclamação de duas maneiras: por um lado, Walther aconselha os seus alunos a não pregarem de forma a meramente transmitir informações sobre tópicos bíblicos. Por outro lado, Walther considera a pregação como a ação de Deus sendo realizada no tempo presente quando pregadores anunciam a salvação na vida dos seus ouvintes (e não como uma mera explicação de eventos passados). Esses dois aspectos são desenvolvidos com maior clareza mais adiante nesta trajetória, mas já servem aqui para se entender que há uma continuidade entre Walther e outros teólogos quanto à função do sermão.

A pregação como algo que deve ter a função que vai muito além da mera transmissão de informações sobre Deus a partir da Escritura é ainda mais evidente em Richard Caemmerer. Em seu livro *Pregando em nome da Igreja*, escrito em 1959, ele avança na reflexão iniciada por Walther sobre elementos básicos do sermão. Um desses elementos, algo que em Caemme-

rer se torna explícito, é a importância de não apenas informar o ouvinte sobre a fé, mas proclamar as promessas que vêm da parte de Deus. Já em 1947, Caemmerer fez uma forte crítica à tendência de intelectualizar a fé dentro do luteranismo norte-americano.⁷

Parte da resposta a esse problema, diz o teólogo, deve ser “o esforço constante para deixar claro, para si mesmo e para os outros, que o conhecimento religioso é mais do que informação, isto é o dom da graça de Deus em Cristo Jesus [...]” (CAEMMERER, 1947, p.337). Conforme mostrado há pouco, Walther já havia endereçado o problema do racionalismo, em especial na Tese 13. Caemmerer, porém, deixa claro que o “conhecimento religioso é mais do que informação”. Mais tarde, em “Pregando em nome da Igreja”, o teólogo fala sobre a vida que Cristo nos dá e diz: “A pregação faz mais do que falar desta oferta da vida. Ela a dá. Através da pregação, Deus fala da sua vida para o mundo, e mais: através da pregação, Deus se dá ao mundo” (CAEMMERER, 2002, p.11). É importante perceber a mudança do verbo “falar” para “dar”. A função do sermão não é apenas “falar” sobre o plano divino em Jesus Cristo, mas “dar” a oferta divina que é o próprio Jesus Cristo. Ou seja, a pregação é a ação de Deus na vida dos ouvintes, no tempo presente.

Em resumo, ao olhar para o passado, Caemmerer percebeu, assim como Walther já havia observado, que a pregação luterana corria o risco de perder elementos fundamentais da Teologia da Palavra por causa de uma super ênfase na razão. Indo além de Walther, Caemmerer endereça explicitamente o risco do sermão se tornar mera transmissão de informações bíblicas (como resultado da ênfase racionalista na razão). Por isso, em continuidade com Walther e indo além de seu precursor, Caemmerer enfatiza que a Palavra de Deus, quando dita no púlpito, não tem a função meramente de levar informações para serem aceitas ou não pelo ouvinte, mas ocupa-se numa entrega dos presentes ou dons de Deus em Cristo.

É possível perceber a contribuição de Caemmerer em dois aspectos. O primeiro ponto se refere a um contexto maior do campo da homi-

7 Caemmerer escreveu um artigo intitulado “The Melanchtonian Blight”. Chama atenção que neste artigo ele já apresenta aspectos muito interessantes ao argumentar que a vitalidade da proclamação do evangelho foi perdida por intelectualizar-se a fé. O artigo é dedicado à trajetória de Melanchton e como a humanística influenciou o seu entendimento a respeito da doutrina da conversão e da presença real na Santa Ceia (CAEMMERER, 1947, p.322).

lética,⁸ o que será abordado na parte final do artigo. O segundo aspecto está baseado em sua compreensão teológica e bíblica da função da Palavra de Deus. Tanto Walther como Caemmerer reforçam que a pregação não atinge o seu objetivo quando se busca apenas informar as pessoas sobre a fé, sobre Deus e sobre a obra de Jesus Cristo, por exemplo. Apesar de cada pregação conter informações preciosas e necessárias, seu objetivo deve sempre conduzir pessoas para os propósitos que são de Deus; a informação deve conduzir à entrega da vida, do perdão e da presença de Deus.

Caemmerer enfatiza que Deus vai ao encontro do seu povo na proclamação da Palavra e faz mais do que apenas transmitir ensino sobre tópicos bíblicos; ele realmente concede o perdão de todos os pecados. Desse modo, é importante destacar que a Palavra pregada faz ou realiza algo. É por isso que o teólogo enfatiza a “função” do sermão e do pregador nos seguintes termos: “De modo geral, o pregador deve encarar o fato de que não apenas descreve objetivos, mas leva a eles; não apenas descreve o arrependimento ou convoca ao arrependimento, mas é agente de Deus para produzi-lo” (CAEMMERER, 2002, p.26).⁹ Através da pregação, o Espírito Santo realiza algo na vida dos ouvintes, e a linguagem usada, a maneira de falar, precisa dar testemunho disso. Mas como, então, isso acontece na prática? Será possível perceber a implicação disso quando, mais tarde nessa trajetória, a distinção entre “informação” e “proclamação” é articulada, afirmando que “teologia é para a proclamação”.

8 Se colocarmos essa obra dentro de um contexto maior no campo da homilética, vamos perceber que ela está no início do que se tornou uma grande revolução, a chamada Nova Homilética. É consenso colocar a obra de H. Grady Davis, "Design for Preaching", publicado em 1958, como o início dessa mudança. Chama a atenção o fato de o livro de Caemmerer ter sido lançado somente um ano após a publicação de "Design for Preaching". Na parte "para leitura posterior" de "Pregando em nome da Igreja", Caemmerer demonstrou estar consciente dessas mudanças, pois escreve: "Tremendamente valioso é "Design for Preaching" (Philadelphia: Muhlenberg, 1958), na qual H. Grady Davis, num estilo altamente original e laborioso, oferece orientação para o processo de desenvolver uma ideia textual em formas apropriadas de pensamento e linguagem; nada na literatura de pregação é comparável a esse livro" (CAEMMERER, 2002, p.254).

9 É importante destacar que Caemmerer não estava buscando abandonar a estrutura dedutiva e tradicional da pregação, pelo contrário, os seus sermões eram temáticos e proposicionais. A forma não era o problema em questão. Porém, Caemmerer estava percebendo que o poder do evangelho estava perdendo espaço quando pregadores se preocupavam apenas com o ensino em termos de transmissão de informação de maneira dedutiva. Veja explicação de Schmitt sobre isso (SCHMITT, 2010, p.28).

AVANÇO NA HOMILÉTICA LUTERANA: INFORMAÇÃO A SERVIÇO DA PROCLAMAÇÃO

A maneira como essa Teologia da Palavra toma forma na linguagem do pregador é algo que Gerhard O. Forde aborda, ao oferecer de forma ainda mais clara a distinção entre proclamação e informação em seu livro, *Theology is for Proclamation*.

O termo “proclamação” é usado por Forde de uma forma muito específica.

Proclamação, como vamos usar o termo neste estudo é explicitamente uma declaração das boas novas, o evangelho, o querigma [...] Proclamação é mais específico que pregação porque nem tudo o que chamamos de pregação – ensino, edificação, exortação ética, persuasão, apologética da vida cristã – é necessariamente proclamação (FORDE, 1990, p.1-2).

Um perigo destacado por Forde nesse contexto é quando a “proclamação se torna explicação, ensino, palestra, persuasão, exortação ética” (FORDE, 1990, p.1). Quando isso acontece, a proclamação fica obscurecida, e há uma confusão da função entre os campos da Teologia Sistemática e da proclamação.¹⁰

Forde ajuda a entender como a diferença entre proclamação e informação molda a linguagem do pregador, ao falar sobre o primeiro e o segundo discursos. Segundo o teólogo, a proclamação pertence ao primeiro discurso, que ele define como uma declaração direta da Palavra de Deus, e a resposta é uma confissão direta de oração e louvor. A rigor, a proclamação está no tempo presente, da primeira para a segunda pessoa, e oferece uma promessa incondicional, assim como Jesus Cristo autorizou por meio da Escritura. A resposta pode ser positiva ou negativa – “sim eu creio”, “não, eu não creio”. Isto é, “o primeiro discurso da proclamação evoca e espera a primeira resposta de confissão e culto ou de recusa” (FORDE, 1990, p.2-3).

O que seria o segundo discurso? É uma palavra sobre Deus ou algum tópico bíblico, uma reflexão sobre o primeiro discurso, utilizando a

10 Este artigo não visa sugerir que há um problema no campo da Teologia Sistemática, muito menos entrar nesse debate. Este artigo apenas se utiliza da distinção feita por Forde a fim de entendermos melhor a distinção entre informação e proclamação em termos mais práticos, já que o livro do autor se tornou fundamental na reflexão homilética da trajetória traçada aqui.

terceira pessoa, sobre o que foi ouvido. O segundo discurso “é a tentativa de colocar as coisas em ordem, de focar, de apresentar coerência, de organizar o discurso da igreja na base das normas já estabelecidas, da Escritura, dos credos e documentos confessionais” (FORDE, 1990, p.3). Segundo Forde, o segundo discurso pertence à Teologia Sistemática.

Retornando à distinção de Forde, as duas formas de discursos estão diretamente ligadas. Para o autor, a proclamação precisa indispensavelmente ser o último movimento do argumento. Ou seja, a reflexão teológica (feita na terceira pessoa) precisa resultar na proclamação. Assim, embora a informação seja de grande importância, ela precisa conduzir à proclamação, e não ter um fim em si mesma. Isso “é necessário para realizar o movimento da proclamação consciente e explícito” (FORDE, 1990, p.4). Um exemplo dessa proclamação explícita seria: “Eu (primeira pessoa) digo a você (segunda pessoa), os seus pecados estão (tempo presente) perdoados (ação performativa)”.

Colocado de maneira mais simples, o que Forde está dizendo é que essa linguagem declarativa ou performativa precisa estar presente no sermão, e não somente na liturgia da Confissão e Absolição. É claro que isso não quer dizer que o pastor vai apenas repetir o anúncio do perdão quando estiver no púlpito. O pastor precisa, por outro lado, fazer declarações da primeira para a segunda pessoa de acordo com os textos bíblicos ou temáticas destinadas para aquele domingo, depois de explicar os textos. Na prática, portanto, essa linguagem declarativa poderá dizer: “o Senhor diz: Eu estou contigo” – proclamando a presença de Deus – ou “tu és meu, eu te remi” – proclamando a ação de Deus em nos perdoar e acolher como filhos. Se isso não ocorrer – se o segundo discurso não abrir espaço à proclamação – a pregação perde sua função principal. Essa perda, então, faz com que Jesus se torne uma história, que ficou no tempo passado, e a boa notícia se torna a velha notícia.

O aspecto em que essa reflexão de Forde se relaciona ao que foi apresentado ao se abordar Walther e Caemmerer é o seguinte: se a pregação se torna mera explanação sobre tópicos bíblicos, o segundo discurso se torna o objeto da fé, no lugar da promessa de Deus para ser crida ou confiada pelo ouvinte hoje. Usando o exemplo da Tese 13 com respeito à pregação sobre a fé, poderíamos dizer que, quando esse problema ocorre, uma explicação sobre a fé acabaria tomando o lugar da entrega das pro-

massas de Deus nas quais os ouvintes se apegam em confiança pelo poder do Espírito.¹¹

Essa preocupação teológica com a função do sermão também tem implicações para a reflexão sobre a forma de pregar ou a arte da pregação. O objetivo das seções finais é mostrar essa relação ao passo que será analisado o que já foi desenvolvido na IELB à luz da distinção entre informação e proclamação.

A HOMILÉTICA DA IELB À LUZ DA DISTINÇÃO ENTRE INFORMAÇÃO E PROCLAMAÇÃO

A partir da distinção entre informação e proclamação apresentada acima, esta parte oferece um panorama do que foi desenvolvido em termos de homilética na IELB¹² e aponta em uma direção na qual novas pesquisas podem ser realizadas. Será mostrado que ainda é necessário avançar na reflexão da relação entre a pregação mais proclamatória e a necessidade de atender aos desafios da comunicação do mundo de hoje, o que pode ocorrer por meio de engajamento teológico-acadêmico na chamada “Pregação Querigmática”. Antes de definir esse termo, que é a proposta de avanço na reflexão homilética para a IELB, é importante olhar para textos que refletem a reflexão exposta acima.

O teólogo brasileiro que demonstra a mesma preocupação mostrada na trajetória traçada acima é o Rev. Me. Paulo P. Weirich, ex-professor de homilética do Seminário Concórdia de São Leopoldo. No artigo “Sentido e Conteúdo na Proclamação Cristã”, publicado pela Revista *Igreja Luterana*, em 2002, Weirich destaca que a Palavra de Deus é diferente

11 Para Forde, o período da Reforma foi um dos poucos momentos que o primeiro discurso estava presente nos púlpitos. Infelizmente, essa realidade sobreviveu por um breve período, pois na continuidade da história e na tendência da teologia se tornar cada vez mais e mais acadêmica e racional, o segundo discurso novamente tomou o lugar da proclamação (FORDE, 1990, p.6).

12 Este artigo, por usar as lentes da distinção entre informação e proclamação no sermão, não abordará outras contribuições importantes que já foram feitas dentro da IELB. Dentro do que já foi produzido e publicado, é possível mencionar pelo menos outros dois nomes importantes. O Rev. Me. Dieter Jagnow, com a publicação do livro "Pregação Criativa" (JAGNOW, 2010). Além disso, há a contribuição do Rev. Me. Lucas André Albrecht com artigos e dissertação de mestrado sob o aspecto de uma pregação voltada ao público televisivo (ALBRECHT, 2015; 2016).

da palavra humana: “a revelação de Deus não é estática. Ela é encarnada, vital e dinâmica. Cada tempo e cada lugar requerem um testemunho, nesse sentido, novo, atual, encarnado” (WEIRICH, 2002, p.46). Além de ser dinâmica, a Palavra de Deus se aplica para o momento presente. Por exemplo, Jesus, ao ler as Escrituras, afirmou: “Hoje se cumpriu a Escritura que vocês acabam de ouvir” (Lc 4.21). A Palavra de Deus não é algo situado no passado, mas é “para esse momento e nesse momento” (WEIRICH, 2002, p.46). Por isso, no entender da Teologia Luterana, a proclamação é um ato divino, “a própria voz do Senhor Jesus Cristo, nosso Salvador” (WEIRICH, 2002, p.50). Como ato divino, é uma Palavra que continua criando no tempo presente. Pois o encontro com a Palavra é um “encontro com a luz que cria e mantém a vida, a única vida que se pode ter” (WEIRICH, 2002, p.50). Isso demonstra que na teologia exposta por Weirich a pregação consiste não somente de informações transmitidas do púlpito, mas especialmente da Palavra que, no presente, impacta a vida de pecadores.

Weirich, ao abordar o sentido e conteúdo na proclamação, enfatiza um dos aspectos mais relevantes da Teologia da Pregação, que é o ato performativo ou proclamatório apontado acima. Após enfatizar o poder da Palavra Falada ou proclamada, também argumenta que “todos os resultados da melhor pesquisa linguística e recursos da comunicação são divinizados para a melhor proclamação da palavra que é Deus” (WEIRICH, 2002, p.54). Ou seja, os recursos da linguagem precisam estar a serviço do evangelho, e não o evangelho a serviço dos recursos de linguagem. A integração entre a Teologia da Pregação e a sua arte é o próximo passo que seu artigo sugere, mas não o desenvolve. Em breve, esse ponto será retomado. Agora é importante apenas notar que Weirich defende os dois elementos da pregação proclamatória explicados acima – a Palavra como voz viva no presente e o caráter performativo inerente a ela, algo essencial da Teologia Luterana da Pregação, sem deixar de dar valor à arte da pregação.

No ano seguinte, a IELB organizou um Concílio Pastoral abordando o tema da Homilética, onde Weirich novamente expressou elementos importantes da Teologia Luterana e avançou na reflexão sobre a comunicação ou a arte da pregação. No texto “Reflexões teológicas sobre a Teologia da Pregação no contexto da IELB hoje”, Weirich apresenta algumas preocupações que seriam discutidas e refletidas pelos pasto-

res. De todas as preocupações levantadas, é importante destacar duas para o propósito deste artigo. A primeira preocupação, nas palavras do autor, é “a dificuldade de comunicação e o conseqüente desinteresse das pessoas pelo sermão como praticado tradicionalmente na IELB”. A segunda preocupação é “o fato de pastores tenderem a abandonar a homilética tal como aprendida e partirem para novas experiências na área à base da intuição” (WEIRICH, 2003, p.4). Duas preocupações relevantes são então lançadas: a perda de interesse dos ouvintes pelo sermão tradicionalmente praticado na IELB e o perigo de pastores buscarem por novos modelos à base da intuição. Como então o artigo responde a esses problemas?

Primeiramente, o professor Weirich fundamenta a Teologia da Pregação conceituando o contexto da pregação e o contexto do ouvinte. Os ouvintes, em contexto esperado, são membros da igreja e do reino de Deus, pois foram batizados e receberam o Espírito Santo. Por isso o pastor deve trabalhar cuidadosamente para que as pessoas sejam tratadas como “cristãos que têm o Espírito Santo operando em suas vidas” (WEIRICH, 2003, p.6). Outro aspecto que Weirich defende é a necessidade de o sermão refletir a Teologia da Palavra, essência da teologia protestante, que ficou dicotomizada numa reflexão de doutrina e prática (WEIRICH, 2003, p.9). Aqui é algo de grande importância para o presente artigo.

Nos primeiros três capítulos, Weirich reflete sobre as implicações da Teologia da Pregação. Ao citar a Tese 13 de Walther, o autor afirma que explicações a respeito da fé são dispensáveis e muitas vezes prejudiciais ao sermão. Ele critica o sermão que somente descreve a humanidade e a divindade, sem aplicar o conteúdo à vida das pessoas, sua história e experiências, pois é ali que Deus age por meio de sua Palavra de Lei e Evangelho. Por fim, Weirich conclui: “É de prever que se a lei é pregada teoricamente a partir de um texto e o evangelho é apresentado como uma verdade proposicional informativa sobre os atos e intenções de Deus, a aplicação chega tarde e com dificuldades de ainda manter o ouvinte focado no assunto” (WEIRICH, 2003, p.13).

Nesses dois pontos, é possível perceber que o professor Weirich demonstra a mesma preocupação dos autores estudados acima. É possível aplicar a articulação de Forde aqui e dizer que um sermão que “somente

descreve a humanidade e a divindade” seria um sermão reduzido ao que Forde chama de “segundo discurso”. Ao mesmo tempo, Weirich não rejeita a importância do segundo discurso, mas lembra que o sermão não deve ser resumido ou limitado a descrições teológicas sobre Deus e o ser humano, mas precisa expressar o poder de Deus. Como isso é refletido na linguagem do sermão é ilustrado pela maneira como o autor fala da aplicação de Lei e Evangelho com linguagem informativa. A pregação do evangelho em termos de “verdade proposicional informativa” é exatamente um discurso na terceira pessoa, descrevendo Deus, seus atos e intenções, algo que Walther, Caemmerer e Forde criticam. Mas há também um outro elemento muito importante aqui. Segundo Weirich, ao se pregar assim, “a aplicação chega tarde”, pois essa maneira de pregar leva o ouvinte a perder o foco.

A fim de avançar na reflexão, Weirich busca integrar a Teologia da Pregação com a arte da pregação, em especial no que diz respeito aos pressupostos que condicionam a comunicação. Weirich cita dois nomes importantes na homilética voltada tanto à Arte quanto à Teologia da Pregação. Ao citar Richard Jensen e Eugene Lowry, Weirich dá um passo além ao que havia feito no artigo anterior, pois chama atenção à realidade de transformação de uma cultura literária para uma cultura pós-literária, realidade promovida especialmente pelo advento da televisão, do rádio, e recentemente pela internet. Com certeza, todas essas transformações impactam na reflexão sobre a forma de pregação no contexto da IELB, por isso o autor afirma que “não é absurdo dizer que a pregação que não leva em conta a cultura em que o público-alvo existe, reduz a possibilidade de ser ouvido e aceito à qualidade dessa comunicação” (WEIRICH, 2003, p.30). Conectando esse ponto ao que foi dito acima, percebe-se que Weirich busca fundamentar a pregação luterana com ênfase na proclamação, sem deixar de considerar a cultura “pós-literária” na qual estamos inseridos. Isso requer uma reflexão sobre a Teologia da Pregação que continue olhando à comunicação a fim de proclamar o evangelho.

Mas que cultura é essa? É importante entender do que consiste a cultura atual que Weirich, referenciando Jensen, chama de “pós-literária”. Richard Jensen, ao escrever o livro "Thinking in Story", na década de 1990, acreditava que o mundo estava vivendo uma transição entre eras de comunicação, entre a era impressa e a eletrônica, da cultura literária

à pós-literária. Em seu livro, Jensen define três eras da comunicação. A primeira, a era oral; a segunda, a era escrita e impressa; a terceira, a era eletrônica (JENSEN, 1993, p.17).¹³

Se na era oral, o foco estava nos ouvidos, na era escrita e impressa, o foco estava nos olhos. Agora, na era eletrônica, o foco precisa estimular não somente um dos nossos sentidos, mas o máximo deles, simultaneamente. Outra diferença que o autor sugere é a forma de pregação que resulta dessa mudança. Na era literária, “a nossa pregação foi de três pontos, linear, lógica e analítica por um longo tempo!”. Esse tipo de pregação, ele argumenta, “foi moldada pela forma da comunicação humana escrita e impressa” (JENSEN, 1993, p.47). Já na era pós-literária ou eletrônica, Jensen reforça que a pregação precisa absorver elementos da cultura oral, junto com elementos da cultura escrita e impressa. Ambas precisam existir simultaneamente. A fim de atingir tal objetivo, Jensen sugere o uso de histórias ou narrativas no sermão. Mas esse uso não deve servir para apenas ilustrar uma ideia principal, mas deve ser usado como uma maneira de estruturar o pensamento, de modo que podemos “pensar em história” ou “pensar em narrativa” (JENSEN, 1993, p.64-66). Essa é a tese que ele desenvolve em seu livro.

A relação desses aspectos com a distinção entre informação e proclamação é feita pelo próprio Jensen:

Pecadores mortos pela lei desejam uma palavra de proclamação. Eles não precisam de informação sobre ajuda. É isso o que a pregação literária tem feito. Eles têm dado aos pecadores três pontos sobre ajuda. Pecadores querem ajuda! Eles querem ouvir uma palavra que os liberte; que perdoe os seus pecados, que os conceda a vida ressuscitada. É isso o que boa pregação faz! Ela oferece às pessoas vida. Ela anuncia e proclama vida. Esta é a função da pregação (JENSEN, 1993, p.71).

13 A cultura oral estava voltada essencialmente para o ouvido, já a cultura escrita voltada aos olhos. Essa mudança trouxe implicações na formação do pensamento da sociedade, pois as palavras escritas no papel trazem aspectos diferentes do que as palavras faladas. “Palavras no papel ocupam espaço. Elas podem estar presentes todas de uma vez diante de nossos olhos [...] Palavras podem ser reorganizadas e escritas em diversas maneiras” (JENSEN, 1993, p.31). Dentre tantas características que poderiam ser mencionadas, a maneira como a mente começa a aprender em uma cultura literária é pela linearidade dos olhos, ou seja, de forma lógica e sequencial.

Jensen está enfatizando que o poder da Palavra de Deus realiza aquilo que diz, isto é, concede o perdão dos pecados, traz vida e salvação. Contudo, o perigo de não refletir o contexto cultural em que os ouvintes estão inseridos é falar “a respeito das obras de Cristo como se elas estivessem no passado, ao invés de proclamá-las como realidades do presente momento da pregação” (JENSEN, 1993, p.72). Segundo Jensen, ao se estruturar o sermão com histórias ou narrativas, a realidade do evangelho se torna presente no momento do sermão.

Isso tudo evidencia que o avanço homilético na IELB requer tanto o retorno à Teologia Luterana da Pregação, enfatizando seu caráter performativo, como também uma atenção a esse contexto cultural descrito acima. Weirich aponta na direção de uma formação teológica que proporcione contínuo treinamento e futuras pesquisas e reflexões na área da comunicação, e que isso seja tanto para resgatar e fortalecer a nossa Teologia da Pregação, como também para aprimorar os conceitos e a prática a fim de serem usados nos púlpitos. É nesse sentido que se espera contribuir na reflexão homilética da IELB.

É claro que seria inviável desenvolver uma abordagem homilética que atenda a esses dois aspectos. Por isso este artigo apenas aponta na direção de como pesquisas com o mesmo intuito podem se desenvolver e oferece um exemplo de estudo já realizado.

A “PREGAÇÃO QUERIGMÁTICA” PARA A IELB: A ARTE DA PREGAÇÃO A SERVIÇO DA TEOLOGIA PROCLAMATÓRIA

A trajetória traçada neste artigo, enfatizando a distinção entre informação e proclamação, visa primeiramente fortalecer a essência da Teologia da Pregação. Ao fazer isso, no entanto, percebe-se que é necessário refletir e aprofundar o entendimento da relação entre a Teologia da Pregação com a sua Arte. Muita coisa aconteceu no campo da homilética desde os tempos de Walther. A disciplina homilética cresceu e começou a interagir com contextos culturais, explorar novos métodos e incorporar novos *insights*. Como a arte da pregação pode melhor instrumentalizar a proclamação da Palavra de Deus? É possível que para muitos pregadores essa tensão não seja tão relevante e estes acabem destacando apenas um

dos aspectos. Pode ser que alguns pregadores, na base da intuição, busquem apenas em histórias, ilustrações e na integração de novas mídias o diferencial para desenvolverem melhor a comunicação, mas assim, sem a devida reflexão teológica, podem deixar de proclamar Jesus Cristo de forma intencional, no sentido performativo apresentado acima. Por outro lado, aqueles que focam em proclamar a lei e o evangelho, mas não se preocupam com a Arte, podem, como afirma Weirich, correr o risco de fazerem a aplicação chegar “atrasada”, pois não usam a maneira de se comunicar na qual o ouvinte absorve a mensagem mais facilmente.

Como então valorizar a arte da pregação de modo a colocá-la a serviço da proclamação? Uma alternativa é um maior engajamento e reflexão no que homiletas chamam de “Pregação Querigmática”. David Schmitt, professor de homilética do Concordia Seminary, St. Louis, explica os vários movimentos históricos no campo da Teoria Homilética.¹⁴ Tendo em vista o propósito deste estudo, é importante abordar apenas a diferença entre a Pregação Tradicional e a Pregação Querigmática. Em resumo, a Pregação Tradicional “foca no desenvolvimento lógico e na comunicação sobre a fé. O seu objetivo é oferecer uma explanação da fé cristã [...] a sua forma normalmente envolve uma pregação temática em que o pregador defende alguns pontos” (SCHMITT, 2010, p.24). A Pregação Querigmática, por outro lado, não tem como objetivo explicar verdades teológicas, mas busca enfatizar “um encontro teológico de Deus com seus ouvintes por meio do sermão. A verdade permanece sendo importante para o pregador, mas o objetivo do sermão está em facilitar a experiência dessa verdade através da proclamação da palavra salvadora de Deus” (SCHMITT, 2010, p.25). Por “experiência dessa verdade”, homiletas se referem ao impacto que a verdade proclamada causa no ouvinte. Para alcançar esse objetivo, busca-se então entender melhor como funciona a comunicação, dando importância à arte da pregação sem deixar a Teologia de lado.

Através da análise de Schmitt, ao explicar o pensamento de Caemmerer, é possível perceber essa reflexão que mantém a Teologia da Pregação junto com a Arte, ao enfatizar a Pregação Querigmática.

14 O teólogo luterano Justin Rossow, em sua tese de doutorado, descreve as principais categorias da pregação: Pregação Tradicional; Pregação Kerigmática; Pregação Prática Pós-Moderna; Pregação Totalmente Pós-Moderna (ROSSOW, 2008, p.9-22).

Teoricamente, podemos colocar Caemmerer dentro dessa trajetória maior da teoria da homilética. Ele ensinou em um momento que estava em movimento, um tempo quando o sermão se transformou de proposicional para um evento querigmático. Caemmerer, contudo, não teve a seu favor a vantagem de conhecer esta história. Ele não sabia dos grandes movimentos que estavam apenas começando a tomar forma, e nem estava intencionalmente buscando criá-los. Ao invés disso, Caemmerer estava respondendo ao passado. Se focarmos e olharmos mais atentamente à obra de Caemmerer, vamos perceber que ele estava respondendo a problemas da pregação proposicional recorrendo em seus estudos na teologia da Palavra de Deus (SCHMITT, 2010, p.26).

Chama atenção que Caemmerer estava em um momento de transição e, apesar de não estar buscando intencionalmente criar algo novo, buscou enfatizar que a forma proposicional e tradicional do sermão não deve limitar o conteúdo bíblico e a aplicação da Lei e Evangelho.¹⁵ Caemmerer percebeu que o poder do evangelho e a força performativa da pregação estavam perdendo espaço quando pregadores se preocupavam apenas em transmitir ensino do púlpito. Em outras palavras e rephraseando Jensen, a forma literária de pregar estava limitando a proclamação de Lei e Evangelho. Isso evidencia que é sempre necessário voltar à Teologia da Pregação e valorizar e entender a arte da pregação, a fim de que seja possível colocá-las a serviço da proclamação.

Um exemplo atual de um pastor da IELB em quem é possível ver uma abordagem que coloca a arte a serviço da proclamação é o Rev. Ely Prieto. Em 2009, Prieto finalizou o seu trabalho de doutorado no Concordia Seminary, St. Louis, EUA. Intitulado “Workshop In Narrative Preaching”, o trabalho buscou trazer uma nova abordagem do campo da homilética a pastores da IELB.

Em sua formação teológica, no início da década de 1980, Prieto teve como referência o modelo dedutivo proposicional de pregação, a

15 Nem o conteúdo deveria limitar a forma, algo que posteriormente se desenvolveu dentro do contexto luterano da pregação. O professor David Schmitt tem um artigo muito útil que demonstra como no desenvolvimento da história da homilética os pastores começaram a simplificar “Objetivo, Moléstia e Meio” de Caemmerer na estrutura lei ‘então’ evangelho como a estrutura do próprio sermão (SCHMITT, 2010, p.23-39).

“Pregação Tradicional” descrita acima. Prieto explica essa maneira de pregar da seguinte forma:

Deveríamos seguir todas as etapas do processo até que pudéssemos resumir o pensamento central do texto. Com esse resumo em mãos, deveríamos escrever uma frase curta e clara, que se tornaria o tema do sermão. O tema dessa frase ou sermão deveria ser dividido em duas ou mais partes. Cada parte tinha suas próprias subpartes, que eram basicamente: A. a explicação do texto bíblico; B. pregação da lei; C. pregação do evangelho; D. aplicação. Cada parte do sermão seguiu esse padrão. O uso dessa estrutura, comentavam os professores, iria manter os sermões equilibrados em termos de Lei e Evangelho; além do mais, se tornariam lógicos e objetivos (PRIETO, 2009, p.2).

Prieto destaca que essa estrutura se fortaleceu ao longo do seu ministério até que, no ano de 1991, em estudo no Concordia Theological Seminary, Ft. Wayne, ele foi exposto à Nova Homilética e seus diferentes modelos de pregação.¹⁶ Tais modelos trazem uma maneira indutiva de construir o sermão. Prieto explica que a pregação dedutiva, com tema central e partes ‘deduzidas’ desse tema, é “analítico no estilo, desenvolvido numa lógica, sequencial e linear, ao invés de ser um sermão mais narrativo ou de história” (PRIETO, 2009, p.4). Prieto não menospreza essa maneira de pregar, mas destaca que essa abordagem não é a única maneira e talvez nem a melhor alternativa para o momento cultural pós-moderno e pós-literário em que vivemos. Explicar as razões para isso não seria possível aqui. Para o presente propósito, é importante apenas destacar que a pregação dedutiva proposicional favorece mais a transmissão de informações e facilmente falha em proporcionar a proclamação no sentido exposto acima – como fala performativa que pressupõem que a pregação cristã é Palavra de Deus no presente.

Prieto também relaciona o fato de que um servo fiel precisa manejar “bem a palavra da verdade” (2Tm 2.15) à ênfase proclamatória do sermão. Manejar bem a Palavra, ele explica, não é “apenas uma transferência de conteúdo da Bíblia para os ouvintes nos bancos [...] mas o pregador

16 Sobre o surgimento e desenvolvimento inicial da Nova Homilética em português, cf. o artigo de Mauro Batista de Souza (2007).

será fiel à mensagem do texto da lei que acusa, instrui, exorta. O pregador também será fiel à mensagem do texto do Evangelho e o seu poder de confortar, fortalecer, encorajar e capacitar o povo de Deus” (PRIETO, 2009, p.8-9). Aqui fica evidente, mais uma vez, o caráter performativo da pregação e como isso pode ser relacionado à arte da pregação. A lei não informa sobre culpa e sobre onde buscar orientação. Ela acusa, exorta e instrui. Da mesma forma, o evangelho não meramente informa o ouvinte sofredor sobre onde ele encontra consolo, dizendo que é preciso ler a Bíblia para se sentir consolado e fortalecido. O evangelho consola durante a pregação. É esta a “teologia sólida” que constrói um “púlpito sólido”, conforme Prieto argumenta. Como fazer isso? Como consolar, ao invés de apenas informar sobre consolo? É aqui que entra a arte da pregação, com suas técnicas e métodos de comunicação. De acordo com Weirich, dependendo da cultura de comunicação em que nos encontramos, uma abordagem adequada a essa cultura instrumentalizará a acusação e o consolo de Lei e Evangelho. Voltando ao que foi explicado acima, essa instrumentalização pode não acontecer hoje, se uma maneira dedutiva com explanações na terceira pessoa predominar no sermão. Isso ajuda a entender a proposta de Prieto.

Prieto propõe uma forma indutiva de pregar, que parte da vida concreta no mundo, ao defender o uso da narrativa como meio de estruturar o sermão. Ele entende que “o estilo narrativo é o uso de uma abordagem do sermão que incorpora um processo de contação de história ou um enredo, enfatizando um crescimento no sentido de expectativa e culminando com a resolução” (PRIETO, 2009, p.17). Em outras palavras, o autor defende que a pregação deva oferecer aos ouvintes um sentido de participação, identificação e engajamento. Isso pode ser visto de forma mais clara quando afirma:

Pregação não deve ficar somente no intelecto e no abstrato, mas também precisa se relacionar a vida das pessoas e suas emoções. O objetivo do sermão luterano está em aplicar a Palavra de Deus a pessoa por completo, corpo e alma, intelecto e emoções, usando todos os recursos, dons e habilidades dados pelo Criador a serviço do Evangelho (PRIETO, 2009, p.27).

Prieto defende a pregação narrativa para o atual contexto pós-literário descrito acima. Mas o uso de histórias ou narrativas na pregação não visa meramente ilustrar ideias, mas reforça a aplicação da Palavra ao ser humano como um todo – são narrativas de participação, conforme Jensen afirma. Dessa forma, a Palavra viva alcança o ouvinte hoje. O ouvinte é, num certo sentido, envolvido (indutivamente) no enredo e na expectativa até que, enfim, venha a resolução. Pelo envolvimento do ouvinte no enredo, que cria expectativa e leva à resolução, a Arte então instrumentaliza a aplicação da Palavra que acusa e perdoa, que mata e dá vida ao pecador hoje.

A proposta de Prieto exemplifica a abordagem da Pregação Querigmática, que pressupõe a distinção entre informação e proclamação e, além disso, dá ênfase à proclamação. Conforme definido por Schmitt, ela compreende o encontro de Deus com o pecador em sua Palavra e faz mais do que transmitir ensino. Deus, em Cristo, realmente perdoa e dá vida ao seu povo do púlpito. A pregação, assim, é vista como entrega dos presentes que Deus nos dá em Cristo.

CONSIDERAÇÕES

Talvez este artigo tenha levado você, pastor/pregador, a se perguntar: Será que eu sou um pregador que utilizo apenas palavras informativas? Tenho clareza de que estou proclamando a obra de Jesus Cristo em meus sermões? Por outro lado, será que estou consciente do contexto cultural pós-literário do meu ouvinte? O quanto estou familiarizado com a arte da pregação?

Este artigo trouxe a reflexão sobre como o sermão pode ter funções totalmente diferentes de acordo com a linguagem utilizada (informar e proclamar). Quando o sermão está carregado de uma linguagem na terceira pessoa, no tempo passado e informativa, o pregador leva o ouvinte a refletir a respeito da obra de Deus e do perdão que Cristo conquistou na cruz para a humanidade. Isso tem a sua importância, pois essa maneira de pregar proporciona o ensino sobre o evangelho. Mas o ensino precisa conduzir à proclamação (parafrazeando Forde). Por isso, é fundamental que o sermão tenha também uma linguagem e ênfase proclamatória, que reflete o poder de Deus através do pregador, agindo no tempo presente

para acusar e perdoar, matar e dar vida de novo. Assim, a informação conduz à proclamação.

Por fim, para que isso aconteça de forma mais intencional e consciente nos púlpitos da IELB, este artigo buscou demonstrar que é preciso que se aprofunde na Teologia da Pregação luterana e que se valorize a arte da pregação, para que a arte seja colocada a serviço da proclamação. Uma maneira de fazer isso é através de pesquisas dentro da Pregação Querigmática, explicada e exemplificada neste artigo. Assim, nesta era da informação, poderemos aprender a melhor dar voz à proclamação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBRECHT, Lucas André. *Pregando para Todos e Para Ninguém: História e Produção do Programa Televisivo “Toque de Vida”*. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Teologia, Seminário Concórdia, São Leopoldo, 2015.
- _____. Homilética Luterana, Pregação Televisiva e o Artigo VII da Confissão de Augsburgo. *Igreja Luterana*, v.75, n.1, jun.2016, p.62-80.
- CAEMMERER, Richard. *Pregando em Nome da Igreja*. Porto Alegre: Concórdia, 2002.
- _____. The Melanchtonian Blight. *Concordia Theological Monthly*, n.5, p.321-338, May 1947.
- CRADDOCK, Fred B. *As One Without Authority*. Enid: Philips University Press, 1971.
- DE SOUZA, Mauro Batista. Nova Homilética: ouvintes como ponto de partida. *Estudos Teológicos*, v.47, n.1, p.5-24, 2007.
- FORDE, Gerhard. *Theology is for Proclamation*. Minneapolis: Fortress, 1990.
- JAGNOW, Dieter Joel. *Pregação Criativa – Um manual teórico-prático sobre criatividade e variedade na pregação cristã*. Porto Alegre: Concórdia, 2010.
- JENSEN, Richard. *Thinking in Story: Preaching in a Post Literate Age*. Lima: CSS Publishing, 1993.
- LIVRO DE CONCÓRDIA. Trad. Arnaldo Schuller. Porto Alegre: Concórdia, 1983.
- LOTZ, David. Proclamation of the Word in Luther’s Thought. *Word and World*, v.3, n.4, p.344-354, Fall 1983.

LUTHER, Martin. A Brief Instruction on What to Look for and Expect in the Gospel. In: *Luther's Works*. Vol.35. Philadelphia: Fortress/Muhlenberg, 1960.

PETER, David. Reaching Out Without Losing Balance: Maintaining a Theological Center of Gravity in Preaching. *Concordia Journal*, v.35, n.4, p.251-278, 2009.

PRIETO, Ely. *Workshop In Narrative Preaching: An Added Approach for the Pulpits of the Evangelical Lutheran Church of Brazil*. MAP., Concordia Seminary, 2009.

ROSSOW, Justin P. *Preaching the Story behind the Image: A Narrative Approach to Metaphor for Preaching*. Ph.D. diss., Concordia Seminary, 2008.

SCHMITT, David. Richard Caemmerer's Goal, Malady, Means: A Retrospective Glance. *Concordia Journal*, v.74, p.23-39, 2010.

SCHULTZ, Robert C. From Walther to Caemmerer: A Study in the Development of Homiletics Within the Missouri Synod. *American Lutheran*, XL IV, n.7, p.7-10, 25, Jul.1961.

VEITH, Gene Edward. *Espiritualidade da Cruz: Os caminhos dos primeiros evangélicos*. Porto Alegre: Concórdia, 2010.

WALTHER, C. F. W. *A correta distinção entre Lei e Evangelho*. Porto Alegre: Concórdia, 2005.

WEIRICH, Paulo. *Reflexões teológicas sobre a teologia da pregação no contexto da IELB hoje*. Concílio Nacional de Pastores, 2003.

_____. Sentido e Conteúdo na Proclamação Cristã. *Igreja Luterana: São Leopoldo*, n.1, 2002, p.35-54.